

O braço

em solilóquio

Ercília Macedo-Eckel

To be or not to be, that's the question.
(Solilóquio de Hamlet_Ato III, cena 1,
Shakespeare).

Para David dos Santos Sousa.

Seguro o guidom da bicicleta com força cósmica, ao amanhecer este domingo. O asfalto molhado reflete as luzes da Avenida, que aparentam estrelas esmigalhadas sob a velocidade das rodas. Hei de deixar aquela montanha de vidro brilhante também. Um âmbar prateado no mais alto grau de resplendor celeste. Meus patrões irão gostar.

De repente o Fantasma de um carro me negaceia, fazendo ziguezague em linha de ataque, como se estivesse numa praça de guerra. Os faróis pareciam apontados para mim e para meu dono. Nossa condução esfacelou-se imediatamente. Eu fui rasgado e jogado longe. Não me lembro de haver pulado “acidentalmente” naquele carro. Meu dono (o restante do corpo) foi socorrido por bons samaritanos. Quase seus parentes, de tanta compaixão.

O êxtase e a loucura fingidos ou, talvez, a megalomania e o uísque produziram, naquele espírito, naquele espectro, uma imagem aterradora diante de mim. Imagem real, viva! Confrontei-me com um paradoxo: Não seria o homem a maior obra de Deus? Feito à Sua imagem e semelhança?

Corre-corres, vaivém com o amigo. E eu ali, em segundo plano. Mas eu o perdoo. Fui criado de outra forma, com outros valores. A hesitação desse Fantasma até saber o que fazer comigo, pode apontar para a natureza de sua consciência ética ou psicológica. Ele não foi “um molde de etiqueta”, ao desfazer-se de mim, Braço Dextro. Para se livrar da culpa, ou para não levantar suspeitas que o incriminassem, atirou-me nas águas turvas deste rio. Não pude ser reimplantado. Mas eu o perdoo. Tão logo cheguei ao fundo e o líquido lodoso me engoliu, senti que do lugar do rasgão começaram a nascer raízes, muitas raízes, as quais teimam em crescer para cima, em direção à superfície das águas, numa velocidade impressionante. E delas já surgem brotos à busca de luz. Estaria eu ficando louco ou sonhando? Quem sabe, tendo alucinações? Não *baseei*, nem ingeri

nada estranho!... Contudo a razão volta a me acenar: A falta do corpo em mim não chegou a abrir-me uma ferida narcísica. Nem desejo de vingança. Apenas de justiça pelo prejuízo de que fui vítima. Mas eu o perdoo. Entretanto quero voltar a encontrar esse Fantasma, interrogá-lo: Como seria a relação dele com ele mesmo? E sua conduta com o próximo, com o mundo, como seria? Quais são seus valores? O que na realidade vale para ele individual, social e ideologicamente? O valor ideológico está ligado à liberdade _ não à licenciosidade, ao vandalismo _ e também ligado à solidariedade e ao saber. A ideologia vincula-se à práxis. Não é blá-blá-blá. Não é conversa abstrata e vazia. Qualquer estudante de psicologia (social) deve empenhar-se na busca desses valores nos comportamentos dos indivíduos e dos grupos. Mas eu o perdoo por essa ignorância. Se for o caso.

Meu Deus, penso alto por mais de quatro minutos! Desde que fui lançado neste rio turvo, dei para falar sozinho, à moda de Santo Agostinho, em seu *Liber Soliloquium*, ou como Hamlet, de Shakespeare. Passei a ter consciência, emoções e vida próprias. E as *manifesto* com certa coerência. Sempre tive dificuldade para expressar-me fora dos desenhos. Porém percebi que, depois desse trauma, eu e meu ex-dono nos mostramos exímios articuladores de palavras, pensamentos e conhecimentos. Inclusive diante da mídia.

E, neste instante, estou me lembrando da história do rei-sacerdote Nuada, deus irlandês, que perdeu o braço direito na primeira batalha de Mag Tuired e, em consequência, também perdeu o reino. Todavia, mais tarde, voltou ao trono com a prótese de um braço de prata. Não precisarei de tanto luxo para reconstruir-me. Ficarei feliz se recuperar minhas habilidades com um braço mecânico, robótico ou biônico, comandado pelo pensamento. Se São Nolé me fizer esse milagre, poderei voltar a levar o alimento à boca de meu dono, abraçar dextramente quem amo, apoiar o punho na carteira da escola para reescrever e desenhar meu futuro de cristal na tela de meu dispositivo eletrônico. E trabalhar normalmente.

Tenho muita saudade de meu dono. E garanto que ele, de mim. Por isso, em cada aniversário de minha amputação, voltarei à Avenida para reger um coro de otimismo com um ramo daquela árvore que brotou das águas turvas. E, em cada ano, apresentarei uma nova versão para lembrar esse macabro acontecimento. Pois eu não morri. E perdoo aquele Fantasma aterrador.

Que o resto não seja silêncio. Nem esquecimento.

Goiânia, 10 de março de 2013.

In: *Os portais da viagem*.

www.erciliamacedo.com.br